

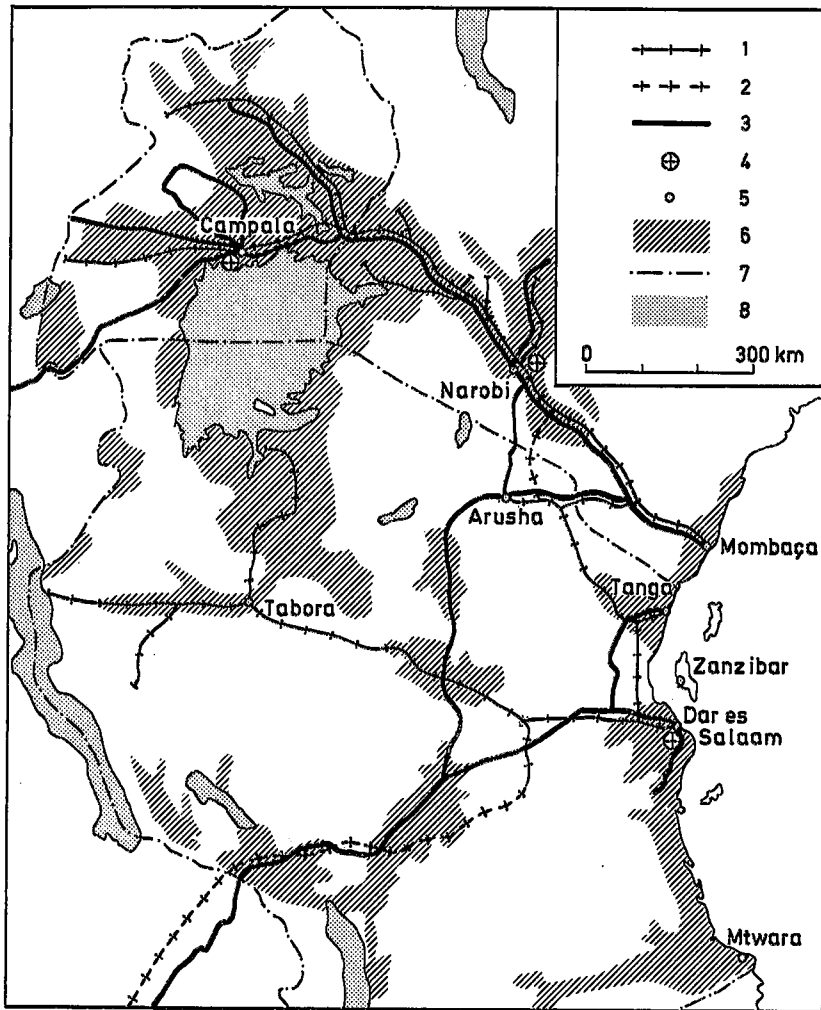
## COMUNIDADE ECONÓMICA DA ÁFRICA ORIENTAL (CEAO)

A diversidade orográfica da África oriental deve-se fundamentalmente a processos geológicos importantes que, ao longo do que poderemos chamar uma "faixa de perturbações", criaram as grandes unidades do relevo, sobretudo as vastas depressões depois ocupadas por lagos e rodeadas por cordilheiras vulcânicas cujas altitudes variam entre os 4000 e os 5000 m. Entre as baixas planícies costeiras e a meseta interior revelam-se mudanças curiosas das condições climáticas, das coberturas de vegetação e também das possibilidades de aproveitamento agrícola dos solos. A África oriental tem sido referida como uma das áreas de aparecimento mais antigo do Homem e de povoamento.

Neste quadro tão esquematicamente esboçado, três países independentes desde 1961-1963, antigas colónias britânicas, o Uganda (243 410 km<sup>2</sup>, cerca de 13 milhões de habitantes), o Quênia (582 646 km<sup>2</sup>, perto de 13,4 milhões de habitantes) e a Tanzânia (939 701 km<sup>2</sup>, 15,4 milhões de habitantes), formaram em Dezembro de 1967 a "Comunidade Económica da África Oriental" (CEAO), estabelecida por um Tratado de Cooperação. Tal facto abriu um novo capítulo duma longa história de cooperação, uma vez que laços estreitos já uniam os três territórios desde há várias décadas. O primeiro fora protectorado britânico desde 1894; o segundo já antes desta data entrara no domínio britânico passando a protectorado em 1920; e o terceiro começou como colónia alemã em 1884, entregue depois da Primeira Guerra Mundial ao domínio britânico. Em 1918 a potência colonizadora criara já uma união aduaneira, reforçada muitos anos mais tarde pela instituição de um Alto Comissariado da África Oriental, por sua vez substituído por uma Organização dos Serviços Comuns do Leste Africano.

Assim, quando os três países se tornaram independentes, estava em funcionamento um esquema comunitário que incluía uma união aduaneira, um sistema monetário comum e um grande leque de serviços igualmente comuns, tais como uma rede de caminhos-de-ferro integrados, uma companhia aérea, uma administração de correios e telecomunicações, uma Universidade Federal, vários gabinetes de pesquisas científicas e de serviços de apoio. Estavam providas as condições para o desenvolvimento de uma organização comunitária para a qual se preconizavam fortes laços sócio-económicos e possibilidades de vir a desempenhar um papel de relevo no desenvolvimento dessa parte do continente africano (fig. 1).

Escolhemos este tema para a elaboração de um trabalho apresentado na cadeira de Geografia das Regiões Tropicais, em Lisboa, no ano lectivo de 1980-81.



des. JPPeres

Fig. 1 — África Oriental: redes de transportes e áreas agrícolas.

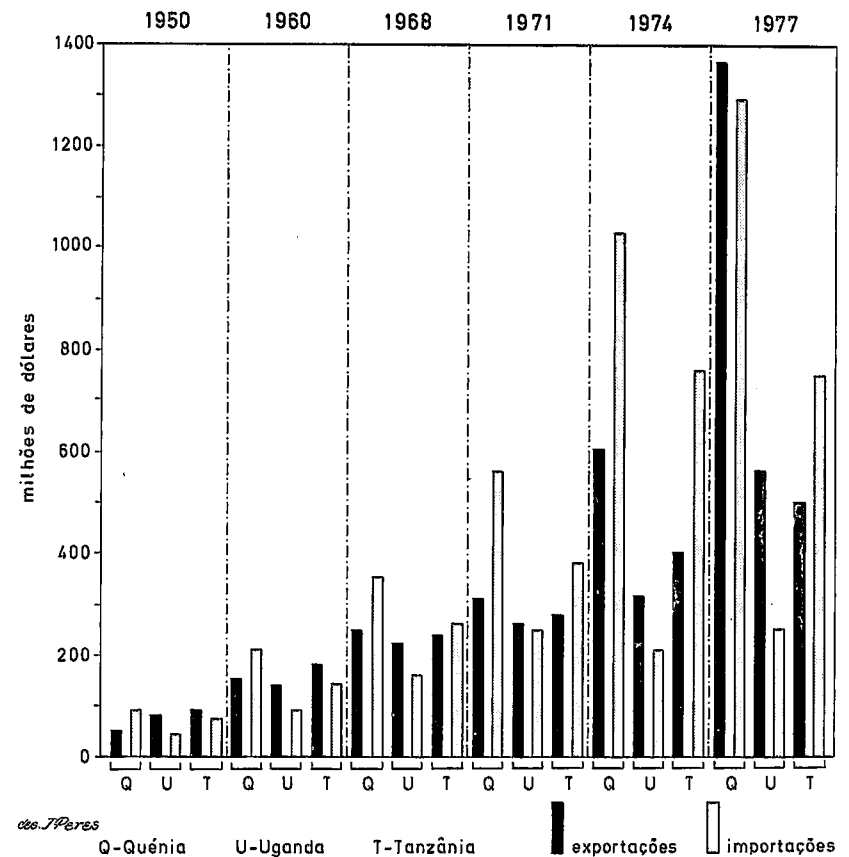
1 — caminhos-de-ferro; 2 — caminhos-de-ferro projectados; 3 — principais estradas; 4 — aeroportos internacionais; 5 — principais portos de mar; 6 — áreas de culturas da substância e de fortes densidades populacionais; 7 — limites de países; 8 — grande lagos.

porque nos pareceu interessante recordar um exemplo de medidas que, tomadas como boas em determinada altura, no entanto deixaram de o ser desde que alteradas as condições políticas. E a África é fértil em casos desses. A retrospectiva incidirá sobre as principais características do comércio externo daquela Comunidade, distinguindo-se desde já duas partes: uma análise global do comércio, compreendida a região como área económica unida; algumas das facetas particulares

do comércio inter-regional. Sempre que necessário referiremos o Tratado de Cooperação, na medida em que este influenciou as actividades do comércio. Os dados estatísticos utilizados foram sobretudo os de 1965 a 1976-77, período que abrange a vigência da CEAO.

Se tomarmos como ponto de partida o ano de 1950, não restam dúvidas de que o ritmo das trocas comerciais dos três países da África Oriental com o exterior se intensificou gradual e seguramente, quer no que respeita às exportações, quer às importações, sem que o crescimento rápido destas tenha tido outro efeito negativo para além do de desequilibrar a balança comercial, uma vez que muitas das importações eram constituídas por bens destinados ao desenvolvimento das indústrias. No entanto, se em termos gerais as trocas comerciais se intensificaram nos três países, está bem expresso no gráfico da fig. 2 que correspondia ao Quênia a maior fatia desse bolo, pois tendo um comércio externo inferior ao dos seus parceiros em 1950, os ultrapassaria de longe em 1977.

Mais interessante do que constatar os aumentos globais das importações ou das exportações será o de analisar a estrutura do comércio externo a fim de se



des. JPPeres

Fig. 2 — Exportações e importações (preços correntes) dos três países da CEAO.

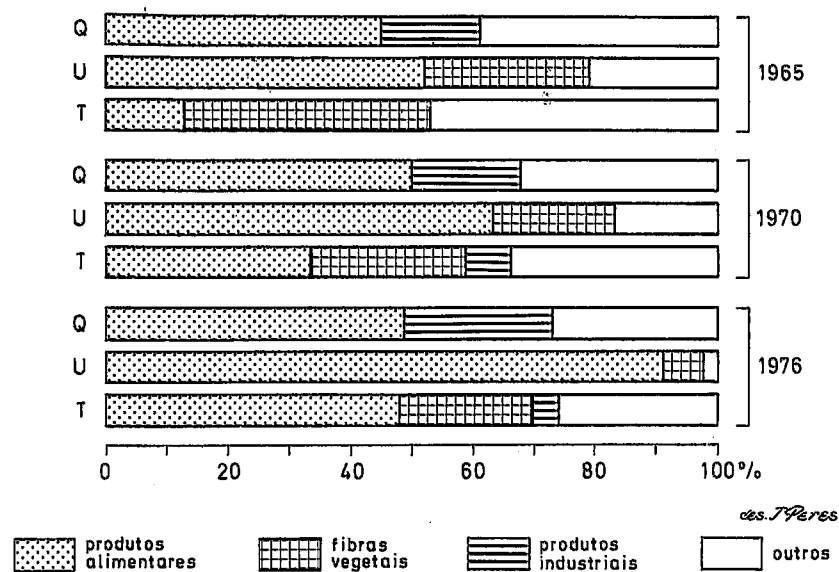


Fig. 3 — Estrutura do comércio externo (em percentagens dos totais das exportações), nos três países da CEAO.

tirarem outras ilações quanto ao grau de desenvolvimento dos respectivos países. De um modo geral poderemos afirmar que o comércio externo do conjunto apresentava duas facetas basilares: por um lado, a nítida dependência quanto às exportações de matérias-primas; por outro lado, as percentagens demasiado grandes de importações de produtos manufacturados, em relação ao total. A fig. 3 e o quadro I sintetizam estes aspectos. Tendência normal e salutar seria a de uma evolução positiva do desenvolvimento económico, que levasse à diminuição da importação de produtos manufacturados e à baixa gradual da exportação de matérias-primas. Isso significaria, por um lado, a aplicação de bens industriais importados nos processos de industrialização dos respectivos países e, por outro lado, a diversificação das exportações, com todos os benefícios que daí adviriam. Os países ficariam em posições de melhor se defendérem contra as oscilações dos preços nos mercados internacionais; deixariam igualmente de se manterem numa dependência tão acentuada, tendo em conta o reduzido número de produtos exportados. Se a tendência se manifestou quanto ao Quênia, onde houve um aumento progressivo das exportações de bens industriais e de combustíveis (derivados do petróleo) e uma nítida diminuição das importações desses mesmos bens, o mesmo não aconteceu com tanta nitidez no caso da Tanzânia, e muito menos no do Uganda, onde as exportações de matérias-primas aumentaram fortemente o que, mesmo compensando as importações de produtos manufacturados (a balança comercial do Uganda mostrava-se positiva), agravava a sua situação de dependência.

A todos estes factos não terão sido alheios o mau aproveitamento das complementaridades existentes entre os três países e o aparecimento de projectos concor-

QUADRO 1 — INDICADORES DO COMÉRCIO EXTERNO

PERÍODO	TAXA DE CRESCIMENTO (1)		PARTE DAS MATÉRIAS PRIMAS EM RELAÇÃO		PARTE DOS PROD. MANUFACTURADOS EM RELAÇÃO		PARTE DOS COMBUSTÍVEIS EM RELAÇÃO		EXPORTAÇÕES EM RELAÇÃO:		PER CAPITA		BALANÇA COMERCIAL
	IMP.	EXP.	T. IMP.	T. EXP.	T. IMP.	T. EXP.	T. IMP.	T. EXP.	IMP.	PIB	IMP.	EXP.	
KÉNIA	1970	9,8	18,4	87,2	78,3	12,4	10,5	2,0	13,5	54,5	35	19	-181
	1973	14,1	19,3	23,6	87,2	76,2	11,1	18,7	15,5	62,4	47	29	-222
	1976	21,5	31,7	31,2	89,8	68,7	10,0	22,3	24,6	...	94,5	85	-71
UGANDA	1970	1,2	10,9	50,1	86,6	3,6	1,6	0,8	18,9	202,5	12	25	124
	1973	-6,8	7,0	13,0	94,6	87,0	0,6	0,2	...	306,1	9	28	202
	1976	-6,5	6,2	18,8	97,7	86,2	2,3	0,2	...	448,8	7	30	279
TANZÂNIA	1970	12,3	5,0	16,3	87,0	82,7	8,6	9,8	18,6	88,2	20	18	-32
	1973	18,3	12,8	20,2	87,2	75,7	10,8	15,2	18,4	76,4	31	24	-106
	1976	31	10,2	31,7	91,1	68,3	8,5	13,2	17,1	80,9	36	29	-108

VALORES EM PERCENTAGEM

VALORES EM DÓLARES

(1) AS TAXAS DE CRESCIMENTO CORRESPONDEM AOS PERÍODOS: 1965-1970, 1970-1973, 1973-1976

renciais que longe de auxiliarem o efectivo desenvolvimento regional integrado, antes criaram conflitos que, certamente, não estiveram previstos no espírito dos criadores da comunidade económica. Não será abusivo afirmar também que o mau aproveitamento das facilidades estruturais de que a comunidade dispunha à partida parece ter resultado da confusão reinante no seu seio e de condicionalismos de imediato criados e que introduziram factores de perturbação.

De forma breve, poderemos dizer que entre 1950 e 1976 o comércio externo da Comunidade Económica da África Oriental evoluiu no sentido de um aumento das trocas internacionais, com um peso grande das exportações de produtos considerados de base (sobretudo matérias-primas) e forte percentagem das importações de artigos produzidos pela indústria. Esta tendência atenuava-se nos casos do Quênia e da Tanzânia, possivelmente na sequência de investimentos internos no sector secundário. É de referir ainda que eram precisamente estes países que, no fundo, denotavam um certo esforço de industrialização, que apresentavam balanças comerciais de saldos constantemente negativos, ao contrário do que acontecia com o Uganda, onde a tendência era a inversa.

Tendo sido a CEAO formada por três países que tinham sido colónias, o facto de agruparmos as características do seu comércio externo não terá grandes desvantagens uma vez que, nas linhas gerais, obedeciam aos mesmos princípios. A observação das fig. 4, A e B, que nos mostram as principais áreas de destino das exportações em 1965 e 1976, permite distinguir alguns aspectos importantes. Em primeiro lugar, há uma correspondência entre as épocas de exportações e a diversidade dos espaços a que elas se destinavam. Em 1965, quando as exportações tinham valores mais reduzidos, também os seus destinos estavam em espaços muito mais restritos, com preponderância da Europa e, dentro desta, da antiga potência colonial. Em 1976, ao aumento das exportações também correspondia o alargamento das áreas de destino das mercadorias. Mantendo-se a posição cimeira da Europa, todavia verificou-se uma abertura, na qual ressaltava a África como cliente da CEAO. É possível arriscar a sugestão de que, no continente, as mais fracas representatividades dos países setentrionais (essencialmente muçulmanos) e da África do Sul se deveram a causas políticas.

Se analisarmos as importações, a tendência evolutiva já não se apresentou tão gradual; as transformações foram mais profundas (fig. 2, e 5 A e B). Nos anos imediatamente a seguir às independências não surpreenderá muito o enorme peso da Europa: é ela, ao fim e ao cabo, mais do que qualquer outro espaço, quem possui os meios técnicos desejados e, talvez mais importante do que isso, é ela quem mais atrai as jovens nações, suas antigas colónias, para a aquisição dos bens — preponderantemente fabricos industriais — necessários ao desenvolvimento de cada um dos países da CEAO. Mas, passada essa fase, outros parceiros apareceram, porque também outras necessidades se foram manifestando. Sirva de exemplo o Médio Oriente como fornecedor de petróleo em bruto, depois refinado no Quênia e na Tanzânia e reexportado para outros países africanos. Mais uma vez se representa bem o acréscimo da importância da África dita negra (pelo menos alguns países) como parceiro comercial.

Até agora temos tratado do comércio externo em geral, englobados os três países da CEAO. Assim visto, o comportamento do comércio externo assemelha-

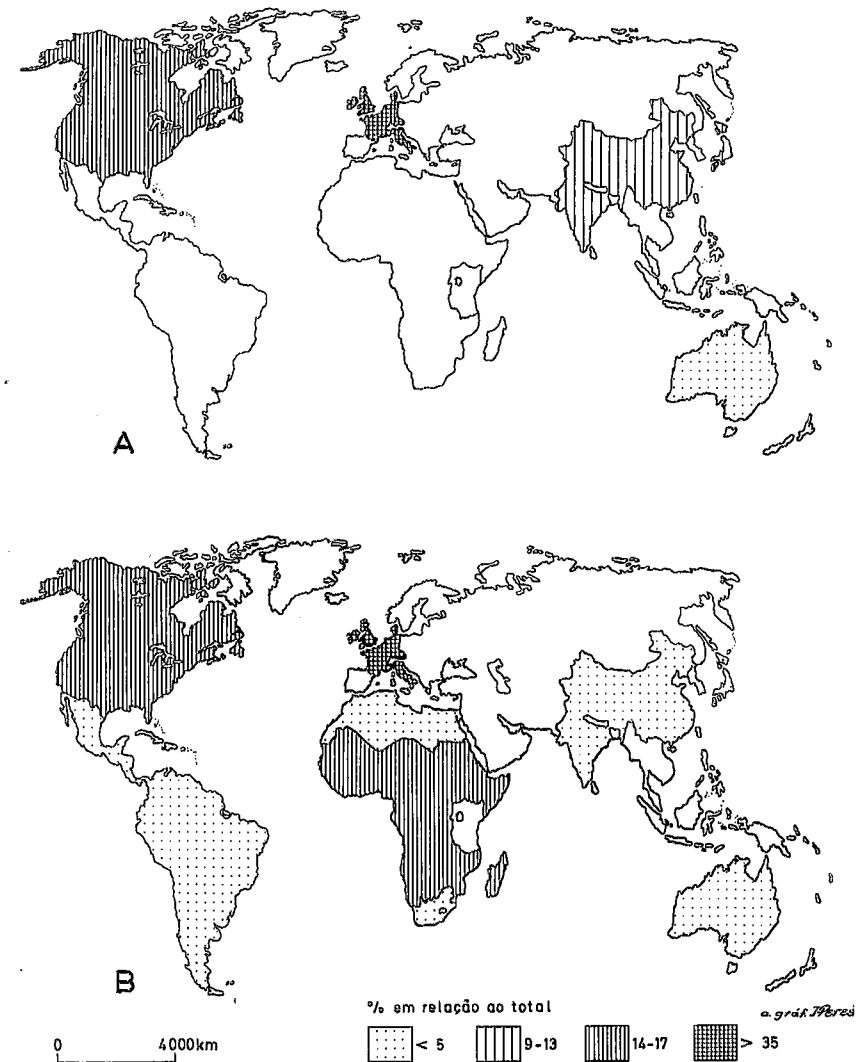


Fig. 4 — Exportações dos países da CEAO, pelas principais áreas de destino: em 1965 (A) e 1976 (B).

-se, no fundamental, ao de qualquer país do Terceiro Mundo. Contudo, não podemos esquecer que a Comunidade era formada por países cujas estruturas económicas tinham diferenças. Por isso mesmo não devemos deixar de apreciar o funcionamento de cada um, tendo em atenção que, ao fim e ao cabo, as suas relações eram também de comércio externo.

Logo de início foram referidos alguns motivos que estiveram na base da formação da Comunidade. Apresentaremos mais alguns. Não existiam grandes

diferenças do nível de desenvolvimento económico dos três países, pelo menos em comparação com as que se evidenciavam dentro de outras associações económicas da África (por exemplo, da África Ocidental). No entanto, o ritmo do desenvolvimento económico do Quênia punha-o um pouco à frente dos seus parceiros. Os outros dois logo procuraram que fossem adoptadas medidas tendentes a contrariar aquela supremacia, que os prejudicaria no interior da Comunidade. Uma delas foi a do estabelecimento de *transfer taxes* impostas ao comércio inter-

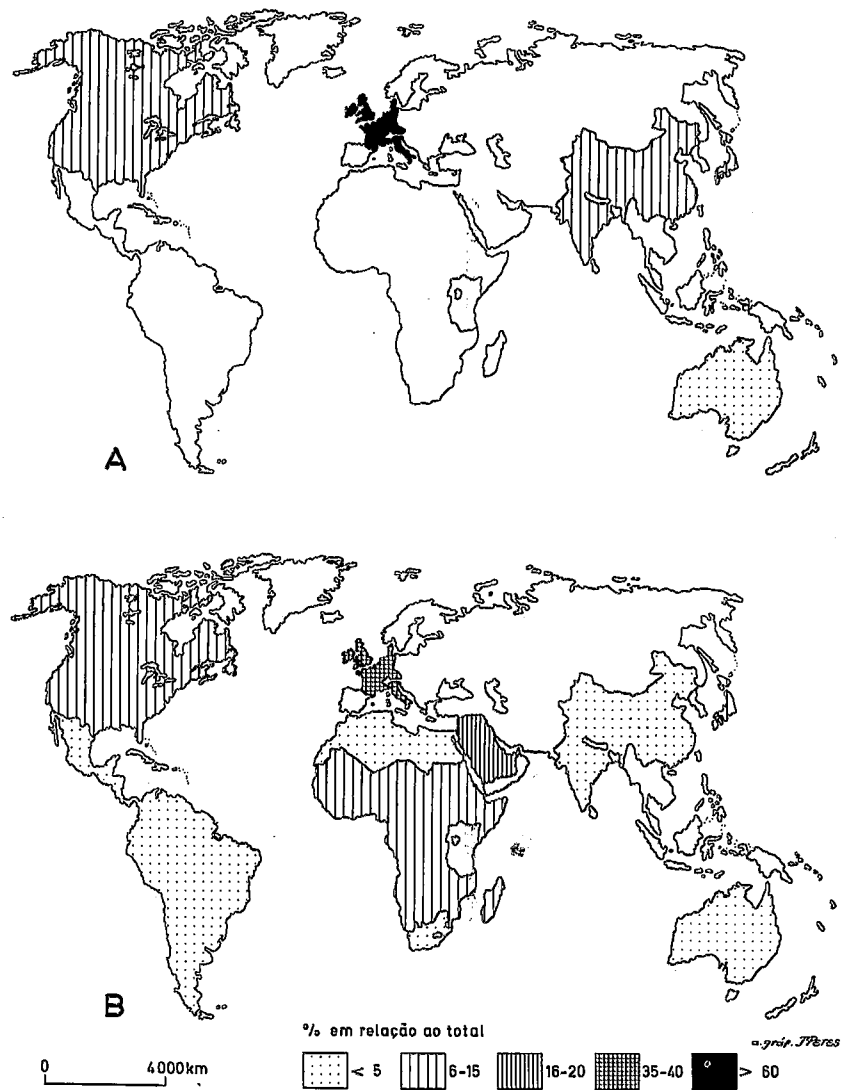


Fig. 5 — Importações dos países da CEAO, pelas principais áreas de proveniência: em 1965 (A) e 1976 (B).

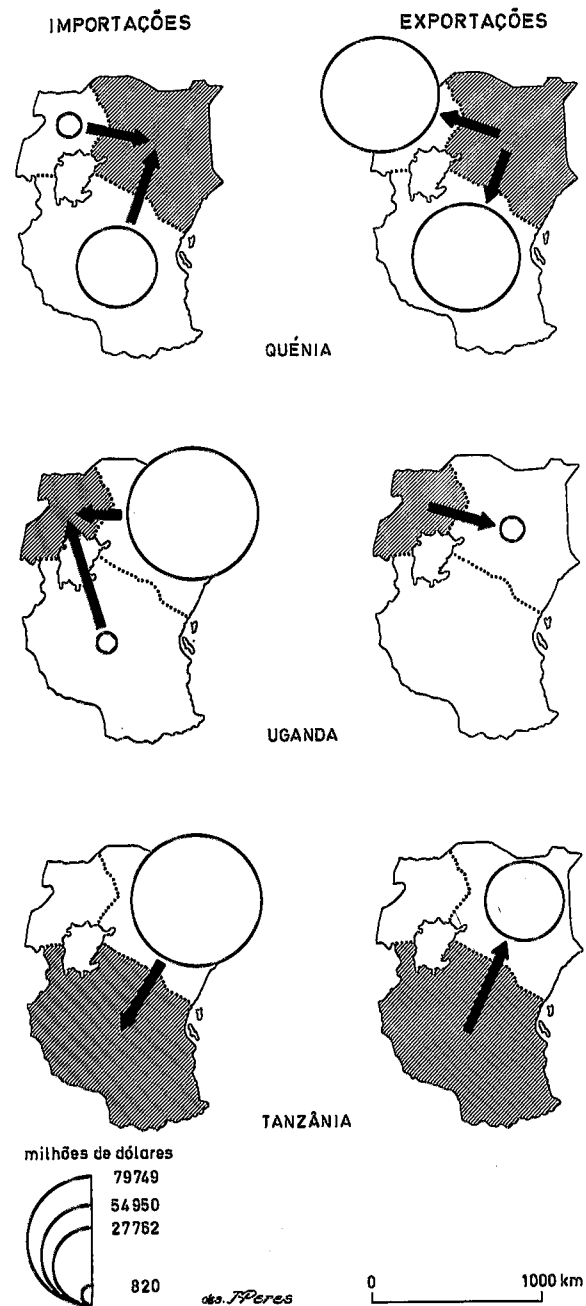


Fig. 6 — Comércio externo dos países da CEAO, em 1976.

regional de produtos manufacturados. Basicamente elas poderiam ser impostas, até metade da tarifa externa de determinados produtos, por um país deficitário neles, principalmente dos que poderiam vir a ter a sua própria capacidade de produção para abastecimento do mercado interno. Noutros termos, por exemplo, algumas indústrias da Tanzânia contaram com isso para se protegerem da competição com as suas congéneres do Quênia e do Uganda: algumas do Uganda procuraram tirar o mesmo efeito apenas em relação às do Quênia. Por um conjunto, particular de factores, relacionados com aspectos de localização e de infra-estruturas, o Quênia desde cedo atraiu capitais de investidores estrangeiros que muito contribuíram para um ritmo mais acelerado de desenvolvimento económico do que tinham os outros parceiros da Comunidade. A adopção das *transfer taxes* foi um dos pontos mais complexos na aplicação do Tratado de Cooperação. Em certa medida acabaram por constituir obstáculos para a boa operacionalidade das relações comerciais. Acrescentaremos apenas que se criaram situações em que os países membros negociavam com o exterior aplicando uma tarifa comum, que só poderia ser modificada por acordo mútuo; negociavam entre si com a aplicação de tarifas proteccionistas, cuja alteração poderia ser feita por qualquer deles desde que estabelecidas determinadas condições. Tornou-se claro que a Tanzânia, e numa menor escala o Uganda, tiraram algumas vantagens. No entanto, isso apenas se fez sentir em relação às indústrias já existentes, uma vez que não ficou evidente que o método viesse a afectar a localização de novas unidades industriais. Contrariamente ao que sem dúvida esperavam, não houve grandes alterações do comércio inter-regional; a liderança continuou a pertencer ao Quênia.

Com efeito, as exportações do Quênia para os seus parceiros expandiram-se em 85% desde 1961 a 1965, sofrendo depois uma queda em 1967-1968; a recuperação levou-as até um máximo superior ao de 1965: 49,9 milhões de libras quenianas em 1976. Apesar das dificuldades relacionadas com a aplicação das *transfer taxes*, com certas orientações das Câmaras de Comércio do Uganda e da Tanzânia, a posição favorável do Quênia cresceu seguramente entre 1968 e 1976 (fig. 6). Neste último ano, cerca de 45% das importações do Uganda tiveram por origem o Quênia, nomeadamente os derivados do petróleo. Aquele país acabou por se ver a braços com um défice elevado dentro da CEAO. O seu comércio com a Tanzânia tinha fraco significado. Decrescente desde 1971, atingiria o nível zero em 1975. Igualmente decresciam as exportações ugandesas para o Quênia, até valores quase nulos.

Todos estes condicionalismos, frutos de desigualdades regionais e duma certa incapacidade para a execução de projectos para as minorar, levaram a um crescendo da instabilidade dentro da CEAO. Às dificuldades de carácter económico certamente teremos de juntar as políticas. Não tendo sido possível encontrar soluções para os conflitos, nos começos de 1977 começou a desintegração da Comunidade: transformaram-se os caminhos-de-ferro e a companhia aérea comum em empresas nacionais, tornaram-se independentes certos serviços importantes. Em Julho do mesmo ano cessava a existência da CEAO; falhara o projecto de integração económica. Criada com optimismo, saldara-se-ia com resultados gravosos.